

MEMÓRIAS MARCADAS PELA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITÁ-SC

1. Gabriela da Silva Marques - Acadêmica do Curso de Psicologia na Universidade Feevale, Bolsista não remunerada do Núcleo de Estudo de Saúde do Trabalhador – NEST, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, localizada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: marquesgabriela19@gmail.com
Telefone: 054 9955 2207.
2. Francieli Katiúça Teixeira da Cruz - Acadêmica de Psicologia na Universidade Feevale e Bolsista não remunerada do Núcleo de Estudo de Saúde do Trabalhador – NEST, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, localizada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: francyktc@hotmail.com
Telefone: 051 9828 2729.
3. Verônica Dias Mendes - Acadêmica do Curso de Psicologia na Universidade Feevale, Bolsista não remunerada do Núcleo de Estudo de Saúde do Trabalhador – NEST, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, localizada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: ve.d.m@hotmail.com
Telefone: 051 8190 9009.
4. Jussara Maria Rosa Mendes - Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional/UFRGS, localizada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: jussaramaria.mendes@gmail.com
Telefone: 051 9271 1901.
5. Carmem Regina Giongo – Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, localizada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutoranda em Psicologia Social e Institucional na UFRGS.
E-mail: ca.aiesec@gmail.com
Telefone: 051 9271 1901

Fonte de financiamento: CNPQ

Sessão temática: ST3

RESUMO

Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa intitulado "Refugiados do desenvolvimento: a naturalização do sofrimento de trabalhadores rurais atingidos pela construção de hidrelétricas", que visa analisar as repercussões da construção da hidrelétrica de Itá em Santa Catarina na vida e no trabalho de trabalhadores rurais atingidos pela obra. Assim, o objetivo deste estudo é apresentar um relato de experiência a partir das vivências no campo durante a etapa de coleta de dados desta pesquisa. Trata-se de uma pesquisa de método qualitativo, onde foram realizadas observações registradas em diário de campo e 30 entrevistas narrativas, gravadas e transcritas. A análise do material ocorreu através da análise de conteúdo. A partir desta experiência pôde-se perceber o alto impacto gerado na vida destes trabalhadores. Além das repercussões nos modos de trabalho em função do alagamento das terras anteriormente cultivadas, a construção da hidrelétrica alterou também tradições culturais da comunidade, relações interpessoais, hábitos de lazer tanto em família quanto com vizinhos e amigos. Ao longo das observações percebeu-se a tristeza e o sofrimento na fala dos entrevistados, especialmente, quando relatavam o que passaram durante a construção da obra. Com base nestas observações e na pesquisa de uma forma geral, percebeu-se a importância de dar voz à estas pessoas. Foram diversos os modos de agradecimento pela escuta prestada, demonstrando o sentimento de valorização dos trabalhadores pelo interesse das pesquisadoras em suas histórias de vida, sentimentos e vivências. Assim, percebe-se que mesmo tratando-se de uma pesquisa, houveram intervenções no contexto social investigado. Pois, para os participantes da pesquisa, contar suas histórias representou uma oportunidade de elaboração, reflexão e ressignificação do importante papel que eles ocupam naquele local.

Palavras-chave: atingidos; agricultores; hidrelétricas; barragens; sofrimento.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido na tese de doutorado intitulada "Refugiados do desenvolvimento: a naturalização do sofrimento de trabalhadores rurais atingidos pela

construção de hidrelétricas", que visa analisar as repercussões da construção da hidrelétrica de Itá em Santa Catarina na vida e no trabalho de trabalhadores rurais atingidos pela obra. Diante disso, o objetivo deste estudo é apresentar um relato de experiência a partir das vivências no campo durante a etapa de coleta de dados desta pesquisa.

Os empreendimentos hidrelétricos do rio Uruguai foram mapeados ainda na década de 1960, durante a ditadura militar. Nestes primeiros estudos foram planejadas 32 barragens com o objetivo de gerar energia. Atualmente existem 20 usinas em operação ou em construção no rio Uruguai e cerca de 149 inventariadas (MAB, 2008). Dentre os empreendimentos em operação, existem sete de grande porte: Ita, Machadinho, Barra Grande, Campos Novos, Foz do Chapecó, Passo Fundo e Monjolinho. Todos eles pertencem a multinacionais dentre as quais se destacam a ALCOA Alumínio, dos Estados Unidos, o Grupo Tractebel Suez da França, a Vale, o Bradesco, a Votorantim e a Camargo Correia. Estima-se que estas usinas em conjunto faturem cerca de R\$ 5.789.877.566,00 (MAB, 2008).

Neste contexto, a Hidrelétrica de Itá está localizada em terras dos municípios de Aratiba, no Rio Grande do Sul (RS), e de Itá, em Santa Catarina (SC), no curso principal do rio Uruguai, divisor dos dois estados (TRACTEBEL, 2001). O enchimento do reservatório foi iniciado em dezembro de 1999 e a hidrelétrica entrou em operação em 2000. O projeto custou dois bilhões de reais, com potência instalada de 1.000 a 3.000 MW e com reservatório de 141 km² (OBSERVATÓRIO SOCIOAMBIENTAL DE BARRAGENS, 2014).

Estima-se que a construção da hidrelétrica tenha atingido 3.560 famílias (cerca de 13.000 pessoas), dentre as famílias atingidas, 827 sofreram deslocamento compulsório. Além disso, a obra também atingiu populações indígenas como as tribos Aldeia Konda, Toldo Chimbangue e Toldo Chimbangue II (OBSERVATÓRIO SOCIOAMBIENTAL DE BARRAGENS, 2014). O alargamento do rio Uruguai contribuiu para a existência de um grande reservatório, com isso, a obra e seus afluentes, atingiram terras de onze municípios: Aratiba, Mariano Moro, Severiano de Almeida e Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul (RS); e Itá, Arabutã, Concórdia, Alto Bela Vista, Ipira, Piratuba e Peritiba, em SC (TRACTEBEL, 2001). As cidades polo deste complexo são Concórdia, em SC, e Erechim, no RS. Entre os onze municípios que tiveram seus territórios atingidos pelo empreendimento, foram afetados total ou parcialmente duas sedes municipais (Itá e Marcelino Ramos), quatro sedes distritais, 32 núcleos rurais, 15 equipamentos isolados (escolas, cemitérios, campões de futebol, centros comunitários), 3.563 propriedades, além de redes de infraestrutura viária, elétrica e telefônica.

Essa obra causou um importante “desequilíbrio na complexa trama urbana, rural e, essencialmente, social, sedimentada no território e no tempo” (TRACTBEL, 2001, p 13). O Plano Diretor da empresa responsável pela construção hidrelétrica descreve que a população atingida se caracterizava pela realização de trabalho agrícola, de pequena propriedade. Os lotes de terras possuíam área variável entre 10 e 12 alqueires e estavam organizados de modo a constituírem “linhas” ou comunidades da região, as quais concentravam espaços públicos como escolas, igrejas, campos de futebol, salão comunitário e pequenos comércios (Tractebel, 2001). A própria Tractebel (2001, p. 13) menciona em seus documentos que as comunidades atingidas eram caracterizadas pelos “laços de parentesco e vizinhança que definiam as relações sociais, as relações de produção e as relações espaciais”.

Além da destruição dos laços e das relações sociais, Queiroz e Veiga (2012) discorrem acerca dos vários impactos sociais resultantes da construção de hidrelétricas tanto nas categorias de trabalho, quanto educação, renda, saneamento, cultura e ambiente físico. Questões de impactos sociais permeiam constantemente as situações de construções de barragens, conforme mencionado por Justino (2012), as precarizações e os prejuízos as comunidades não estão atreladas somente aos acessos dos recursos básicos para sobrevivência, mas também estão acompanhadas pelas constantes alterações nos modos de vida e de trabalho da população atingida, provocando perdas significativas às comunidades. Devido a saída das famílias da sua cidade visando a realização de atividades urbanas, o que atenta para a redução de oportunidade de emprego e serviços no campo (Schneider, 2003; 2006; 2007; Werlang, 2013).

A partir desse contexto, surge a necessidade de aproximação e compreensão das vivências daquelas populações que permaneceram nas comunidades rurais atingidas após o enchimento do reservatório; aquelas que tiveram apenas parte da propriedade atingida pelas águas ou que não foram legalmente consideradas atingidas, mas que ainda hoje vivem os efeitos da construção da hidrelétrica. Assim pretende-se discorrer sobre as experiências vivenciadas pelas pesquisadoras no período de coleta de dados, bem como sobre as percepções dos impactos gerados na vida e no trabalho dos agricultores entrevistados.

2 METODOLOGIA EMPREGADA

Trata-se de uma pesquisa de exploratório-descritivo, de método qualitativo que utilizou com instrumento principal de coleta de dados a observação participante. A técnica empregada é definida como um processo no qual o observador participa de uma situação social com o objetivo de realizar uma investigação científica. Assim, o observador-pesquisador se coloca “face a face” com os observados, inserindo-se em suas vidas e práticas sociais, além tornar-se parte do contexto pesquisado, modificando e sendo modificado por ele (Schwartz & Schwartz, 1955). A observação participante é considerada um elemento fundamental na prática de pesquisa nas Ciências Sociais, pois representa não apenas uma técnica de coleta de dados, mas também um método em si mesmo, capaz de permitir a aproximação e a compreensão da realidade (Minayo, 2012). Para registro dos dados observados foi utilizado o diário de campo. As observações participantes tiveram início em fevereiro de 2016 e foram finalizadas em agosto do mesmo ano. Foram realizadas observações nas 32 comunidades atingidas pela hidrelétrica, em 11 municípios.

Além disso, foram realizadas 30 entrevistas narrativas gravadas e transcritas com trabalhadores rurais residentes no entorno do reservatório. A técnica de entrevista narrativa é reconhecida nas ciências sociais como uma importante estratégia de resgate das histórias de vida e das histórias sociais. O termo foi cunhado por Schutze (1992), que caracterizou a entrevista pela não utilização do esquema pergunta-resposta, justamente por preconizar a livre narração do entrevistado. Conforme perspectiva do mesmo autor, as fases de aplicação da entrevista narrativa envolvem: *preparação*, na qual ocorre a exploração do campo e a formulação das questões; *iniciação*, momento em que o entrevistador lança mão do tópico inicial para a narração, podendo dispor de auxílios visuais; *narração central*, fase principal na qual o entrevistado narra a história e recebe apenas o encorajamento do entrevistador; *fase de perguntas*, na qual o entrevistador insere suas questões; *fala conclusiva*, onde o gravador é desligado e a entrevista passa a ser finalizada. A condução da entrevista narrativa foi norteadada por questões que privilegiaram as transformações no processo de trabalho e de vida dos trabalhadores rurais atingidos pela hidrelétrica...

A análise do material ocorreu através da análise de conteúdo (Angrosino, 2009). O autor divide a análise em três etapas: *gerenciamento dos dados*, no qual os registros serão recuperados e organizados pelo pesquisador; *leitura panorâmica*, momento em que o pesquisador realiza a leitura de todo o material coletado; e *esclarecimento das categorias utilizadas*, momento em que o pesquisador passa a identificar os temas ou categorias emergentes.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (parecer 1.096.632, 01.06.2016). Os participantes receberam explicações sobre todos os procedimentos de coleta de dados, incluindo o sigilo da identidade, a possibilidade de desistência a qualquer momento sem causar qualquer prejuízo, a possibilidade de contatar a pesquisadora e a orientadora do projeto e também sobre a ausência de risco ou dano a quem participar. Além disso, as pesquisadoras estiveram disponíveis aos participantes caso fosse necessário algum acompanhamento individual ou encaminhamento para atendimento psicológico. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos participantes entrevistados. Cabe salientar que os dados deste estudo ainda estão em processo de análise, portanto, serão apresentados neste trabalho resultados parciais.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir desta experiência de campo pôde-se perceber o alto impacto gerado na vida dos agricultores atingidos pela construção da hidrelétrica de Itá. Além das repercussões nos modos de trabalho em função do alagamento das terras anteriormente cultivadas, a construção da hidrelétrica alterou também tradições culturais da comunidade, relações interpessoais, hábitos de lazer tanto em família quanto com vizinhos e amigos.

Constantemente percebe-se na fala dos participantes o sentimento de desamparo, isolamento, e significativa tristeza ao relembrar os laços afetivos que foram construídos durante longos anos e destruídos em pouco tempo. Frequentemente relatam como conviviam e como se relacionavam com seus vizinhos e familiares, em uma vivência de trocas e busca de estratégias para o enfrentamento dos acontecimentos cotidianos, o que hoje já não é mais possível.

Além disso, o cenário vivenciado pelas comunidades rurais localizadas no entorno do reservatório da hidrelétrica de Itá retrata um abandono profundo e a extinção da atividade rural. Diante do esvaziamento da região em função da saída das famílias para os reassentamentos ou para regiões urbanas, mesmo os núcleos rurais reconstruídos pela *Tractebel* (empresa que construiu a barragem) estão em condições muito precárias ou em processo de abandono. O motivo principal está na falta de pessoas e na impossibilidade daquelas que restaram em manter tudo funcionando. Comunidades que eram formadas por 60 ou 70 famílias, hoje possuem treze, seis, cinco famílias, o que também afeta o desenvolvimento e crescimento local, contribuindo

ainda mais para a precarização dos serviços oferecidos aos trabalhadores que permaneceram nas cidades atingidas.

“A igreja acabou, a escola sumiu, a escoação da produção, ela... O leiteiro vinha todo dia, tinha dois leiteiro que vinha todo dia, agora tem um que vem a cada dois dia e ele não quer mais vir, porque não tem, inviabiliza a questão da produção. Ônibus de linha tinha três veiz por dia, de manhã, de meio dia e de noite e ia pra cidade. E assim, acabou com as comunidade, acabou!” (Pedro).

As estradas de chão são precárias e muitas vezes impossibilitam a circulação. Muitas famílias passam longos períodos sem energia elétrica ou fazendo uso de energia de má qualidade. Diversas comunidades ficaram totalmente isoladas, com cerca de 30 quilômetros de distância para chegar em uma cidade mais próxima. Em função da precariedade das estradas as empresas que compram os produtos rurais produzidos pelos agricultores já não querem mais fazer o trajeto. A falta de água também é recorrente. Na maioria das regiões os ônibus coletivos deixaram de circular pela falta de pessoas. As escolas fecharam e algumas igrejas já não realizam missas e cultos.

Com o esvaziamento e empobrecimento das comunidades rurais em muitas regiões, os pequenos agricultores acabaram vendendo suas terras para grandes empresários ou grandes agricultores. Com isso, ao invés de cultivar seu próprio negócio optaram por trabalhar como empregados em suas antigas propriedades. Em outros casos de venda de terras os pequenos agricultores mudaram-se para a cidade, em condições muito precárias. Outros ainda, permanecem isolados em suas comunidades, sem acesso a serviços de saúde, a educação, lazer e possibilidades de trabalho.

Ao longo das observações percebeu-se a tristeza e o sofrimento na fala dos entrevistados, especialmente, quando relatavam o que passaram durante a construção da obra. Os trabalhadores contam a surpresa que foi receber a notícia que suas terras seriam atingidas pela construção da hidrelétrica, e conseqüentemente, o local onde nasceram, cresceram, trabalharam, tiveram seus filhos ficaria submerso as águas. Esse momento foi de intenso medo e insegurança para os moradores da região, pois tinham poucas informações sobre o que

aconteceria no futuro, para onde iriam, o que iriam fazer, e o terror começou a tomar conta das famílias.

“[...] é uma surpresa terrível, porque daí você sabe que de repente você tem que sair de onde você estava e toda aquela história, aonde a gente morava de fato foi atingindo, então é um momento terrível sabe. Eu sei que muitas vezes minha mãe chorava e meu pai chorava e você não sabia de troco do que que era, mas é uma coisa assim, de fato eles gostavam desse lugar, então quando você é comunicado por uma notícia dessa é que nem desandar um terrorismo, mas você é atingido, você não tem essa resposta” (João)

“[...] a barragem traz coisas boas, mas também traz problemas, tipo assim, tem os dois lados e esse lado é muito forte, ela é mais negativo do que positivo nessa história, então é muito complicado esse momento de descoberta da vinda da usina, essa fase de transição, você sair da onde você morava até atingir, e daí tipo assim, eu não queria sair para longe, então a gente adquiriu aqui né!” (Pedro)

Mudar-se de casa, de comunidade, cidade, foi algo muito difícil para os moradores da região, pois muitos cresceram nos locais, viram seus pais construírem naquelas terras as propriedades, o galpão, o chiqueiro dos porcos, tudo as custas de muito trabalho. Então, esta transição de moradia, a perda dos vizinhos, do trabalho, trouxe muito sofrimento. Além disso, muitas famílias viviam do trabalho que eram produzidos nestas terras, ou seja, não foram só terras que foram alagadas, mas também o trabalho destas pessoas, suas moradias, o local onde cresceram, as histórias vividas na infância, o local onde criaram seus filhos e gostariam de ver seus netos brincando e seguindo as tradições da família, de trabalho no campo.

Então, quando informam-lhes que os atingidos seriam reassentadas, e que não poderiam mais viver em suas casas, trabalhar em suas terras, já que estas seriam inundadas, muitas pessoas não suportaram essa mudança, e conforme os próprios trabalhadores rurais contam, o número de conhecidos e familiares com tristeza, desânimo, depressão e de suicídio aumentou.

“[...] tinha gente que se enforcou. Bastante gente, que se enforcou. Vê que tem que abandonar tudo ali. A mulher a mãe do Altair da Dioniza, se enforcou ali também na ilha ela se matou”
(Maria)

“[...] tinha pessoas que até se matavam, entravam em depressão e tudo...”(Dulce)

“Quando começou assim, falar da barragem, quando começaram ir atrás de indenizar as pessoas, em falar que iam indenizar que começou os problemas. Daí começo as pessoas ficarem doente, e depressão nas pessoas, que morreram, não sabia aonde ia, ia fazer o que, né?” (Mario)

Algumas famílias foram reassentadas para diversas cidades dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, outras foram para o Paraná. Desta forma, famílias, comunidades, foram espalhadas, e os laços sociais que existiam antes da obra, hoje não são possíveis mais de acontecer. Os trabalhadores contam que antigamente, as comunidades eram muito unidas, todos os dias, no final da tarde, havia sempre um chimarrão na casa de um vizinho, ou uma conversa entre os pátios, mas hoje isso não é mais possível, já que o vizinho mais próximo está muito longe, ou só vem nos finais de semana (pessoas da cidade que compraram casas para descanso na comunidade). Antes da construção da obra era comum os vizinhos auxiliarem um ao outro no trabalho, por exemplo, na época de plantação, alguém se disponibilizava a ajudar o outro, ou a tratar os animais enquanto uma família ia para a cidade. Hoje isso não é mais possível. A seguir a fala de uma entrevistada que expressa um pouco da véspera da saída de algumas pessoas de uma comunidade:

“A gente passou por muitas tristeza a hora que o pessoal foi embora, meu Deus! Eles fizeram uma missa de despedida que a nossa turma iam ir tudo junto sabe, já estava meu...mas aquilo foi uma coisa muito triste, eu chorei muito.... até esse meu filho ali, ele estava na igreja, aquele que é casado e mora aí, ele se largou num choro na hora da missa, daí eles pediram para ele, o que que ele tinha, ele estava triste porque os amigos dele iam embora no outro dia, aquilo foi muito chocante para nós, muito

triste, para quem ficou eu acho que foi pior ainda, do que para quem saiu, porque para quem saiu foi conhecer novos lugares, e nós não, nós perdemos os vizinhos, perdemos a comunidade, hoje a nossa comunidade é fraca tudo desanimado também, porque não adiantou a Gerasul fez um centro comunitário grande nós temos lá, a igreja pequena, mas para a quantia de quem ficou chega, né! O centro comunitário grande só que não adianta isso ali para nós! Sem gente, né! Mesma coisa de fazer dentro de um monte de um mato uma coisa...que faltou pessoal, né!" (Joana).

"Eu chorei tanto quando eles foram embora, porque tu vê assim os vizinhos, tinha vizinho pertinhos, de repente limpou com tudo a gente ficou sozinho aqui, daí foi muito triste para nós" (Dulce).

*"É perda social, não tem preço eu acho que pagaria isso."
(Maria)*

Os trabalhadores frequentemente comentam que a comunidade fica mais movimentada nos finais de semana, quando periodicamente os novos moradores visitam suas casas de lazer nos arredores do lago, o que não colabora para uma nova constituição dos laços da comunidade, ao contrário, fortalece o sentimento de isolamento e fragilidade na constituição de novos vínculos na comunidade. Destarte, apresenta-se incessantemente a necessidade de adaptação as novas formas de vida, já que com tantas mudanças, as comunidades acabam perdendo suas identidades.

Esse conjunto de mudanças e perdas na comunidade, no trabalho, nas relações interpessoais corroboram para o isolamento, para a individualização de cada pessoa, o que traz frustrações, medos, angústias, sofrimento. Segundo Werlang (2013) essas transformações ocorridas no meio rural, como a evasão das pessoas para a cidade, as mudanças na forma do trabalho devido ao capitalismo, apenas contribuem para a precarização das relações interpessoais e, como consequência, surge o sofrimento social. O sofrimento social pode manifestar-se através da tristeza e do suicídio, aspectos observados nestas comunidades analisadas.

Atualmente, ainda é comum a saída precoce dos jovens para as cidades, em busca de emprego, de estudos. Mas na região Hidrelétrica de Ita, isso se intensificou principalmente após a construção da obra, que parece ter acelerado a evasão desses jovens. Com a falta de transporte, de emprego, de investimento no futuro da área rural, os jovens ficam com poucas opções, e acabam deixando suas famílias no interior e buscando pelo futuro na cidade. Esta evasão causa diversas consequências, afetando diretamente o desenvolvimento local e a falta de mão de obra no campo. Inclusive, alguns trabalhadores relatam que sentem que o trabalho no campo está sendo extinto. Ações como essa, de evasão para a cidade, contribuem também, para uma desvalorização e falta de investimento nos trabalhadores que permanecem no campo e lutam diariamente pelo desenvolvimento e crescimento da região para ser possível permanecerem com sua família em suas casas em área rural.

*“...tem gente que mora aí tudo velho já, mas tem bastante ainda gente, só que os novos como vão se criando e indo tudo em borá, não tem mas gente no interior, até uma pesquisa que a EMATER fez, no município de Marcelino Ramos, da região aqui da barragem, né! De jovem tinha meu filho que estava na roça, o resto não estava mais, ou trabalhava na Sadia, ou trabalhava em outras firmas tudo para a cidade ninguém mais ficava, né!”
(Joana)*

“Foram relouçadas para fora, em Linha Laudelino, três ou quatro famílias então o movimento das famílias de agricultores na região, desapareceu então, existe, agora é um fator que aconteceu assim, as famílias de fora da cidade vem para o final de semana, mas são famílias que não são da região, tem uma cultura diferente, um modo de pensar diferente, um modo de vida diferente dos moradores que eram locais da região.”(Clara)

“...os jovens não permanece mais nos locais, então tipo assim, quem permanece nesses arredores no fechamento da barragem é o casal, os filhos geralmente ...os pais incentivam os filhos para o estudo para não voltar, para permanecer na cidade porque, pela economia pela estrutura social da agricultura, não se tem estrutura suficiente para permanecer ali.”(Clara)

Para as famílias que seguem morando nas comunidades com seus filhos pequenos, a preocupação é também com o desenvolvimento das crianças e seus futuros. Já que estas crescem isoladas, sem interação social com outras crianças, por não ter acesso a creches, os vizinhos mais próximos estarem longe, os pais preocupam-se. Além das escolas ficarem distantes, onde certamente será preciso utilizar transporte (se tiver) para estudar, faltam empregos para esses futuros trabalhadores. Assim, estima-se que essas famílias precisem recorrer a cidade para poder oferecer melhores condições de estudo e trabalho para estas crianças. O que contribui para a evasão do campo para a cidade, e o esvaziamento dessas comunidades. A seguir, a fala de um pai preocupado com a interação social de sua filha com outras crianças, que é necessário para um bom desenvolvimento infantil.

“A minha filha que futuro ela tem, vai brincar com quem aqui? Creche aqui não tem, só em Severiano, para ela começar ir para aula com 4 anos, que amiguinha ela tem aqui? Ela não tem nem amiguinha para brincar um final de semana” (João)

É notória a tentativa, das famílias em permanecerem nessas comunidades, mesmo diante de seus discursos entristecidos, de inúmeros problemas sociais e fragilidade dos serviços e interações coletivas, decorrentes das transformações causadas pela construção da barragem. Essas famílias continuam sobrevivendo dia após dia, na lembrança do que foi e nunca mais irá voltar, muitas vezes sem compreenderem o real motivo de pagarem um preço tão alto. Preço inestimável e irrecuperável, as quais continuam esperando a recompensa prometida.

Com base nestas observações e na pesquisa de uma forma geral, percebeu-se a importância de dar voz à estas pessoas, que não são ouvidas pela mídia e pelo poder público, mas que tem diversas histórias bonitas, sensíveis, fortes e marcantes para contar. Os participantes mostraram-se felizes em poder participar da pesquisa, contar suas histórias e contribuir também para a produção de conhecimentos acadêmicos. Foram diversos os modos de agradecimento pela escuta prestada, demonstrando o sentimento de valorização dos trabalhadores pelo interesse das pesquisadoras em suas histórias de vida, sentimentos e vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo apresentar um relato de experiência a partir das vivências no campo durante a etapa de coleta de dados da pesquisa "Refugiados do desenvolvimento: a naturalização do sofrimento de trabalhadores rurais atingidos pela construção de Hidrelétricas". Esta pesquisa maior visa analisar as repercussões da construção da hidrelétrica de Itá em Santa Catarina na vida e no trabalho de trabalhadores rurais atingidos pela obra. Embora a pesquisa ainda não tenha sido concluída, pode-se verificar alguns resultados parciais.

Observou-se que há um sofrimento social nestas populações pesquisadas, o que revelou-se através do discurso dos trabalhadores em diversos contextos. A tristeza surgia quando contavam sobre a construção da hidrelétrica, a mudança dos vizinhos, a mudança de suas próprias casas para as novas, o alagamento das terras, a comunidade esvaziando, o menor número de pessoas que frequentam as festas da comunidade, a perda dos laços sociais com amigos e parentes que agora estão distantes, os inúmeros casos de conhecidos que se suicidaram ou que adoeceram psicologicamente, a perda de identidade que sentiram com a dispersão dos velhos amigos e as comunidades construídas para substituir algo que é insubstituível.

Após 16 anos da obra finalizada, persistem ainda várias consequências para os trabalhadores rurais que ainda vivem as margens da Hidrelétrica de Itá. São histórias que ficam nas memórias de quem teve o futuro roubado. Deve-se ressaltar que durante a coleta de dados, os participantes diversas vezes, se emocionam em falar, e sentiram-se felizes em saber que há pessoas interessadas em suas vidas e em suas histórias.

Assim, percebe-se que mesmo tratando-se de uma pesquisa, já há intervenções no contexto social investigado. Pois, para os participantes da pesquisa, contar suas histórias representa uma oportunidade de elaboração, reflexão e ressignificação do importante papel que eles ocupam naquele local. Escutar o que estes trabalhadores têm a contar, contribui tanto para a saúde mental destes sujeitos, que podem compartilhar algumas tristezas, e ao mesmo pode-se contribuir para o desenvolvimento de novas interações sociais. Além disso, através desta pesquisa pode-se formar novas fontes de dados a respeito do assunto, através de publicações científicas, visando dar voz a estas pessoas que parecem invisíveis diante a mídia e a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed.
- JUSTINO, M. L. (2012). (In) **Sustentabilidade socioeconômica dos reassentamentos Mariana e Olericultores Porto Nacional/TO**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Fundação Universidade Federal do Tocantins. Acesso em 01 de fevereiro de 2015. Obtido em <http://bancodeteses.capes.gov.br/>
- MINAYO, M. C. de S. (2012). **Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta**. In DESLANDES, S. F., GOMES, R. & MINAYO, M. C. de S. (org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.
- MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS [MAB]. (2008). **Setor Elétrico na Bacia do Rio Uruguai**. Acesso em 16 de agosto de 2016. Obtido em <http://www.mabnacional.org.br/artigo/setor-el-trico-na-bacia-do-rio-uruguai>
- QUEIROZ, A. R. S.; & VEIGA, M. M. **Análise dos impactos sociais e à saúde de grandes empreendimentos hidrelétricos: lições para uma gestão energética sustentável**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(6):1387-1398, 2012.
- SCHNEIDER, S. (2003). **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre, Editora da UFRGS.
- SCHNEIDER, S. (Org.). (2006). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre, Ed. UFRGS.
- SCHNEIDER, S. (2007). **A contribuição da pluriatividade para as políticas públicas de desenvolvimento rural: um olhar a partir do Brasil**. In Arce, Alberto. Ed. Flacso.
- SCHTZE, F. (1992). **Pressure and guilt: war experiences of a young German soldier and their biographical implications**. *International Sociology*, 7 (2): 187-208. Acesso em 09 de julho de 2014. Obtido em <http://iss.sagepub.com/content/7/2/187.short>
- SCHWARTZ, M. & SCHWARTZ, C. G. (1955). **Problems in participant observation**. *American Journal of Sociology*, 60 (4): 53-343. Acesso em 01 de fevereiro de 2015. Obtido em

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2772027?sid=21105229126391&uid=70&uid=2129&uid=2&uid=4>.

TRACTEBEL. **Plano diretor: reservatório UHE de Itá e seu entorno**, 2001. Acesso em 03 de julho de 2014. Obtido em http://www.tractebelenergia.com.br/wps/wcm/connect/86cb19af-bf76-4277-ae66b969e3dc401/Plano%2BDiretor%2Bcom%2Bplantas.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=url&CACHEID=86cb19af-bf76-4277-ae61-6b969e3dc401

WERLANG, R. (2013). **Pra que mexer nisso: suicídio e sofrimento social no meio rural**. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Acesso em 01 de março de 2015. Obtido em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77921/000896265.pdf?sequence=1>